Como Citar:
Rodrigues, A. L. N., Bueno, P. F., & Aiello-Vaisberg, T. (2023). Elaboração da adolescência traumática de uma idosa judia: Considerações preliminares.
In L. S. de P. Tardivo (Org.), E-book 21ª Jornada APOIAR: Adolescência – desafios, sofrimento e esperança (pp. 311–322). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

ELABORAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA TRAUMÁTICA DE UMA IDOSA JUDIA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Ana Letícia Nunes Rodrigues

Paula Fuks Bueno

Tania Aiello-Vaisberg

Universidade de São Paulo

RESUMO: A presente pesquisa pretende investigar a elaboração de experiências traumáticas vinculadas a sofrimentos sociais, como aqueles vividos pelos judeus europeus durante o período nazista. Justifica-se na medida em que o antissemitismo, que corresponde a uma forma milenar de violência e perseguição, persiste como fenômeno na sociedade contemporânea, tendo inclusive conhecido claro recrudescimento, principalmente entre grupos que se identificam como esquerdistas, a partir da resposta do Estado de Israel aos atos perpetrados pelo grupo terrorista Hamas contra a população civil israelense em 7 de outubro de 2023. Organiza-se metodologicamente como pesquisa qualitativa na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta de José Bleger. Usou, como material de pesquisa, o encontro com um conjunto de bordados e comentários que veiculam memórias de uma idosa judia, que viveu, durante a adolescência, em um povoado invadido e dominado por tropas nazistas. A elaboração de narrativas transferenciais e sua consideração à luz das palavras de ordem de Herrman, “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido emergente”, permitiram, até o momento, a proposição interpretativa de dois campos intersubjetivos de sentido afetivo-emocional: 1) “Ruptura violenta da continuidade do viver” e 2) “Buscando cura ao longo da vida”. O quadro geral indica que o antissemitismo provoca sofrimentos sociais radicais, o que deve alertar a sociedade em relação à necessidade de desconstrução de imaginários coletivos que, visando qualquer grupo social, como mulheres, negros, judeus ou pessoas lgbtqia+, contrariam a noção de direitos humanos universais, contrapondo-se à criação de um humanismo radicalmente inclusivo.

Palavras-chave: antissemitismo; elaboração do trauma; sofrimentos sociais; nazismo; psicologia psicanalítica concreta.

O presente texto apresenta resultados preliminares de pesquisa qualitativa com método psicanalítico, ainda em curso, cujo objetivo é a investigação da experiência emocional vivida por pessoas judias diante do antissemitismo. Insere-se, portanto, no conjunto das iniciativas do Grupo de Pesquisa USP/CNPq “Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade”, que se voltam, há alguns anos, para o estudo de sofrimentos sociais de diferentes grupos que tem sido, historicamente, alvo de hostilidade, discriminação e preconceito, como mulheres, pessoas negras, pessoas lgbtquia+ e pessoas pertencentes a classes desfavorecidas e periféricas.

Ainda que jamais tenha desaparecido completamente, na medida em que grupos remanescentes do nazismo seguiram ativos desde a segunda guerra mundial, o antissemitismo parecia ter diminuído muito a partir de meados do século XX, mantendo-se restrito a grupo de extrema direita. A ampla divulgação dos horrores perpetrados nos campos de concentração, por meio do cinema e da literatura, bem como a mudança de atitude da Igreja, no sentido de uma aberta reconciliação (Bizon, Dariva e Drubi, 2005), provavelmente foram motivos que pesaram como dissuasão ao antissemitismo. Todavia, essa posição vem conhecendo um recrudescimento recente, a partir do início do século XXI, passando a ser adotado por novo ator social, a dita esquerda mundial, que o disfarça sob o conceito de antissionismo.

É interessante observar que defensores históricos dos direitos civis das pessoas negras, historicamente apoiados por judeus (Michelson, 2013), como Ângela Davis (2024), não tem alcançado lucidez suficiente para perceber que apoiar e defender o povo palestino não implica, de modo algum, colocar-se contra o povo de Israel. Esse fato é bem demonstrado por movimentos sociais judaicos-palestinos, que envolvem pessoas de ambos os povos, na luta pela paz. Um exemplo importante desse tipo de iniciativa é o Women Wage Peace, movimento ativo em várias partes do mundo, fundado por Vivian Silver, líder pacifista e incansável defensora dos palestinos, assassinada em sua casa durante o ataque terrorista do dia 7 de outubro de 2023.

Entretanto, apesar de seu preparo intelectual indiscutível, a ativista americana prefere aderir à discutível ideia de que se pode ser antissionista sem aderir ao antissemitismo. Afinal, a destruição do Estado de Israel não deixaria de afetar a sobrevivência e segurança de sua população, que corresponde a 41% da população judaica mundial, estimada em 13 milhões de pessoas (Embaixada do Estado de Israel, 2024). Além disso, ao apoiar o Hamas (1988), grupo terrorista criado com a específica finalidade de extermínio dos judeus, bastante convergente, portanto, com a chamada “solução final hitlerista” de seu envio para campos de extermínio (Longerich,2010), esse suposto “antissionismo não antissemita”, tal como professado por Davis (2024) e pela dita esquerda mundial revela-se altamente suspeito.

De todo o modo, na prática esse absurdo “antissionismo não antissemita” contribuiu para fortalecer o objetivo de eliminação dos judeus, permitindo a ocorrência de um silenciamento traumatizante dos movimentos feministas diante a violência

perpetrada no 7 de outubro, que incluiu inúmeros estupros. Ora, trata-se de uma reação absolutamente indigna na medida em que, apesar de suas diferenças, os feminismos terem, até essa data, convergido no combate à violência sexual contra todas as mulheres do mundo. Portanto, o fato dos movimentos de luta contra a opressão da mulheres calarem-se diante do estupro de mulheres judias, alvo de um ataque terrorista, concretiza uma visão desumanizada dessas vítimas, que não provocam os mesmos sentimentos de lamento, revolta e indignação que as demais provocariam se submetidas à violência física e sexual.

A nosso ver, o próprio antissemitismo, eventualmente disfarçado como antissionismo, é um dos componentes impeditivos do estabelecimento de paz no oriente médio. De fato, apoiar e manifestar-se favoravelmente ao Hamas, passando a mensagem de que seu terrorismo é diferente de todos os outros porque estaria plenamente justificado, é algo que fortalece sua intolerância e persistência no crime. Essa complacência para com o terrorismo, combinada com a estratégia de uso de mulheres e crianças como escudo, o que explica porque havendo verba para construção de 700 quilômetros de túneis, não foram providenciados abrigos para a população, não contribui para motivar o desejo de paz.

Aliás, o antissemitismo atual de setores, que se reconhecem como de , confundindo apoio ao povo palestino com apoio ao Hamas, torna população e grupo que detém o poder político como equivalentes, o que dificilmente poderia ser pensado como uma ajuda verdadeira. Afinal, nenhum povo é o governo, nem mesmo em países democráticos nos quais sempre existe espaço para a oposição. Acreditar que num país autoritário e ditatorial o governo é legitimo representante do povo, como quer a chamada esquerda, não fortalece nem motiva a busca de soluções mediadas.

Não sendo especialistas no assunto, mas sabendo reconhecer sua complexidade, entendemos que o antissemitismo é questão altamente relevante no modo como é encaminhado o conflito entre Israel e o Hamas. Nessa linha de pensamento, parece-nos razoável afirmar que a sobrevivência não apenas dos israelenses, mas também dos palestinos, encontra-se fortemente ameaçada pelo antissemitismo. Afinal, creditar o espantoso e inaceitável número de mortes de civis inocentes em Gaza apenas à ação do exército de um país, que responde a um ataque terrorista e busca recuperar reféns, é de uma miopia inacreditável. Sem minimizar a responsabilidade do governo de Israel, entendemos que a falta de posicionamento

firme por parte dos governos democráticos do mundo e da Organização das Nações Unidas, que criou o país, bem como o modo como a aqueles setores que são, atualmente, tidos como representativos da esquerda mundial, entenderam estar protegendo o povo palestino, fez subir assustadoramente o número de vítimas civis palestinas. O exército israelense encontrou uma Gaza cuidadosamente preparada para a defesa dos terroristas por meio da exposição dos civis, bem como do uso de locais de proteção, como hospitais, escolas e residências, com finalidades militares. Essa preparação do território palestino, aliada a formas de incentivo ao Hamas, dadas pela dita esquerda, pela Organização das Nações Unidas e pelos governos democráticos, contribuiu certamente para o incremento das mortes – enquanto Israel, constituída por descendentes daqueles que por pouco escaparam dos campos de extermínio, agiu, certa ou erradamente, em legítima defesa.

Sendo assim, entendemos que o antissemitismo que, sendo historicamente mais antigo do que o racismo contra a pessoa negra, deixou, durante a vigência do governo nazista alemão, de ser uma perseguição religiosa, para se tornar uma forma de racismo, renovou-se como uma questão que deve ser considerada ao lado da violência contra mulheres, pessoas negras, pessoas lgbtqia+ e outros grupos discriminados. A situação política atual, constituída por um aumento significativo de manifestações antissemitas, principalmente no espectro da esquerda política, torna crucial, a nosso ver, a investigação desse fenômeno por parte de pesquisadores que, como nós, se tem voltado para o estudo dos sofrimentos sociais de vários grupos discriminados e perseguidos.

Desse modo, como psicólogas/pesquisadoras, que adotam a psicologia psicanalítica concreta como referência teórico-metodológica, escolhemos contribuir para melhor compreensão desse problema e para a busca de soluções, em direção a transformações sociais pautadas por um humanismo radical, o humanismo do outro ser humano (Lévinas,1987; Campos e Dias, 2022), por meio do estudo da experiência vivida de pessoas que viveram os efeitos do antissemitismo. Por essa razão, apresentamos, no presente momento, pesquisa empírica com método psicanalítico no estudo da experiência vivida por uma adolescente, que vivia numa localidade que foi invadida por tropas nazistas, durante a segunda guerra mundial, que é expressa por meio de bordados, acompanhados de comentários, que realiza quando idosa, os quais estão disponibilizados na internet.

A PESQUISA

Quando realizamos pesquisa qualitativa com o método psicanalítico, em busca de conhecimento sobre a experiência vivida de pessoalidades individuais ou coletivas, assumimos, como primeira tarefa, enunciar o modo como a forma geral de conhecimento forjada por Freud (1922) é operacionalizada no contexto investigativo no qual nos movemos. Nesse sentido, distinguimos procedimentos investigativos de produção, registro e interpretação do material de pesquisa.

Na presente investigação, cuidamos do cumprimento do procedimento investigativo de produção de material de pesquisa expondo-nos, ao encontro com os bordados e com os comentários que os acompanham, em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias e cultivando abertura para impactos contratransferenciais. Os bordados e os comentários que os acompanham aqui estudados estão disponibilizados no site https://www.artandremembrance.org/about- esther.

O procedimento investigativo de registro do material de pesquisa consistiu na elaboração de narrativas transferenciais, nas quais são descritas tanto as cenas bordadas como os impactos contratransferenciais vivenciados durante e após os encontros com os bordados e com os comentários que os acompanham (Aiello-Vaisberg et al, 2009). Assim fazendo, preparamo-nos para o trabalho interpretativo, propriamente dito.

Finalmente, o procedimento investigativo de interpretação do material de pesquisa deu-se por meio da consideração das narrativas transferenciais à luz da observação das “palavras de ordem” recomendadas por Herrmann (1979; 2004): “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido afetivo-emocional emergente”. Desse modo foram propostos campos intersubjetivos de sentido afetivo-emocional que correspondem ao consciente e inconsciente vigente na psicologia psicanalítica concreta.

RESULTADOS INTERPRETATIVOS

Foram criados/encontrados dois campos intersubjetivos de sentido afetivo-

emocional: “Ruptura violenta da continuidade do viver” e “Buscando cura ao longo da vida”.

“Ruptura violenta da continuidade do viver” é um campo intersubjetivo de sentido afetivo-emocional que se organiza ao redor da crença de que a vida se modificou de modo irreversível, abrupto e violento inaugurando mudanças inevitáveis. As seguintes situações, retratadas nos bordados e nos comentários que os acompanham, são aquelas que correspondem a emergências desse primeiro campo:

Rosh Hashaná, 1938. Essa foi a última celebração do Rosh Hashaná que meu zayde, Chaim, e seu vizinho, Baresh - os dois patriarcas da aldeia - conduziram. O Shabat e as datas religiosas sempre foram celebradas na casa de Shmuel, uma das maiores e mais bonitas de Mniszek. A maioria dos móveis foi removida e a Torá foi colocada em um armário coberto com cortinas.

Todos os anos antes da Páscoa, as mulheres judias de Mniszek se reuniam ... para assar matzos...Estes foram os últimos matzos que já tivemos em Mniszek.

...nazistas entrando em nossa aldeia, ...pararam em frente à casa dos meus avós, onde um deles desceu do cavalo e cortou a barba do meu avô enquanto minha avó gritava.

Enquanto meu pai orava em Erev Pessach, dois nazistas apareceram e começaram a espancá-lo.

Em um dia particularmente lindo em junho, minha mãe e sua irmã, Mania, levaram as vacas de outros agricultores, que estavam sob seus cuidados, para um pasto perto do rio Vístula. Quando chegaram lá, descobriram que estavam ao lado de um campo de prisioneiros, no qual os alemães usavam trabalho escravo judeu para trabalhar em uma represa. Quando ficavam exaustos demais para trabalhar, os garotos eram levados para a floresta para serem fuzilados.

Meu pai extraia alcatrão de pinheiro para um proprietário de terras local quando a Gestapo ordenou que meu irmão Ruven se reportasse ao campo de trabalho de Janiszew.

De madrugada, a Gestapo fez uma incursão surpresa e em nossos quartos, nos enfiou no rio e nos aterrorizou com suas armas.

Recebemos ordens da Gestapo para deixar nossas casas às 10 da manhã para nos juntarmos a todos os outros judeus na estrada rumo a estação ferroviária de Krasnik e depois para a morte.

...fomos para a casa de Stefan, amigo de nosso pai. Nós imploramos a ele para nos ajudar. Ele nos abraçou e prometeu ajudar. Mas depois de dois dias, ele nos mandou para a chuva, sem outro lugar para ir além da floresta.

...minha mãe percebeu que não podiam mais sobreviver como filhas de Hersh. Teriam que ir aonde ninguém as conhecia e onde poderiam passar como católicas polonesas. Então Esther criou uma outra identidade para elas. Ela se tornaria Josephina (ou Yuzha como apelido) Grochowiezka, e Mania se tornaria Maria (ou Marisha) Grochowiezka.

Depois da libertação, deixei Grabowka e voltei para Mniszek. Ninguém da minha família estava mais lá. Fui a Maidanek buscar por vestígios deles. Procurei nas pilhas de sapatos usados, mas todos pareciam iguais. Depois de ver os chuveiros e câmaras de gás, o crematório e os repolhos gigantes crescendo em cinzas humanas, juntei-me aos exércitos poloneses e russos que encontrei ali.

"Buscando cura ao longo da vida" é o campo intersubjetivo de sentido afetivo emocional que se articula ao redor da crença de que aquele que sofreu uma ruptura violenta da continuidade do viver deve buscar, ao longo da vida, curar-se de um sofrimento que se instala cronicamente. As seguintes situações, retratadas nos bordados, são aquelas que correspondem a emergências desse campo.

...quando tinha 50 anos, em um grande pedaço de tecido, ela desenhou os contornos de sua casa e depois bordou. Então, fez um segundo retrato, a vista do outro lado da estrada. Dez anos depois, Esther voltou a esses quadros de memória, adicionando legendas costuradas para criar uma narrativa. Ela continuou a trabalhar neles sem pausa, criando uma série de 36 fotos antes de morrer...

A composição deste quadro é simplesmente notável, com essa cena pastoral incrivelmente bela de um lado e esse pesadelo de violência do outro.

...nesse legado de memórias ilustradas de sua difícil sobrevivência, minha mãe também tenha compartilhado essas lembranças felizes.

... ela estava começando a pensar nessas imagens como memoriais para aqueles que estavam representados nelas, com cada indivíduo nesta foto e os posteriores costurados habilmente o suficiente para serem individualmente reconhecíveis.

Em nosso quintal no Brooklyn, cresceu uma cerejeira. Nossa mãe era uma fabulosa cozinheira e padeira, e ela via maravilhosos ingredientes naquela árvore. Ela subia até o topo com um balde em uma corda e descia a colheita para mim e Bernice. Ela lembra na legenda que quando era pequena, a avó lhe contara que na América o dinheiro crescia em árvores. "Bubba", ela disse, "sou boa em escalar árvores!" "Eu sei", respondeu a avó. Ester se lembrava dessas palavras toda vez que ela subia na cerejeira. Depois de tudo o que passou, ela ainda tinha esperanças e sonhos de uma vida feliz com sua nova família. É maravilhoso que, nesse legado de memórias ilustradas de sua difícil sobrevivência, minha mãe também tenha compartilhado essas lembranças felizes.

INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS

Com o objetivo de iniciar um trabalho reflexivo sobre a experiência vivida que o conjunto de bordados e comentários estudados retrata, voltamo-nos, inicialmente, para a questão dos traumas que tem o poder de interromper a continuidade de viver. Essa questão, que foi inicialmente levantada por Winnicott (1968), que se referiu ao fenômeno da (des) continuidade de ser no contexto da vida do bebê, que se encontra em processo de constituição de si mesmo como um *self* separado. Para esse autor, quando o bebê vive uma interrupção em sua continuidade de ser, defronta-se com uma experiência de queda no abismo de agonias imprensáveis, que deixará marcas pré-psíquicas que comprometerão profundamente sua capacidade de se tornar vivo e real.

Não se pode dizer que estejamos diante do mesmíssimo fenômeno quando ocorrências invasivas ocorrem na vida de pessoas que alcançaram um certo amadurecimento emocional, vivendo com *selves* unitários e separados, mas há indícios de que a força traumática de certos acontecimentos pode operar os que foi denominado por Vitali (2004) como ruptura da continuidade do viver. Focalizando a experiência vivida por um jovem de 28 anos, que se viu invadido pelo padecimento de Esclerose Lateral Amiotrófica, quadro neurológico que se apresenta como perda irreversível dos movimentos, levando à morte por falência dos músculos respiratórios. A ruptura de continuidade do viver, em situação de *self* constituído de modo suficientemente amadurecido, revela-se como sofrimento radical, que demanda tratamento psicoterapêutico que, alicerçando-se no *holding*, como intervenção privilegiada, pode favorecer uma experiência mutativa que prepara o paciente, bem como sua família, para viver a vida enquanto percurso que pode conter a morte como ocorrência próxima e anunciada. Assim, Vitali (2004) pode propor a diferenciação clínica entre interrupção da continuidade de ser, que ocorre na vida do bebê não diferenciado e em condições psicóticas caracterizadas por profunda regressão, e a interrupção da continuidade do viver, que ocorre quando pessoas constituídas como *selves* suficientemente amadurecidos são visitadas por acontecimentos radicais que mudam irreversível e gravemente seu percurso vital.

A consideração dos bordados e comentários aqui focalizados nos motiva a acreditar que nos encontramos diante do segundo tipo de situação, vale dizer, de uma interrupção da continuidade do viver de uma adolescente, provocada, no caso, pela perseguição nazista. Trata-se, portanto, de uma forma de sofrimento eminentemente

social que incide, como se pode constatar pelo material de pesquisa, sobre pessoa que, até então, vivia em um ambiente social suficientemente bom, no qual prevalecia uma ética de respeito mútuo, apesar das dificuldades materiais enfrentadas. Assim, podemos supor, diante dos bordados e comentários, que a adolescente tenha podido conquistar um grau de amadurecimento emocional satisfatório.

Contudo, o *quantum* de violência vivida, gerou, na adolescente, um sofrimento radical, precipitando a separação familiar e a necessidade de ocultação das próprias raízes como modo de garantir a sobrevivência numa Europa que se tornara extremamente hostil aos judeus. Entretanto, a sobrevivência, conquistada por meio do enfrentamento de situações realmente difíceis e de inegáveis golpes de sorte, bem como a possibilidade de deixar de ser uma fugitiva e de constituir família, permitiram à jovem um bem sucedido processo de cura – para o qual provavelmente contribuiu de modo decisivo o ambiente antropológico suficientemente bom, encontrado nos Estados Unidos, na convivência com americanos judeus e não judeus. Tendo-se confrontado com a Alemanha nazista, o país no qual a moça passou a viver, apresentava-se, evidentemente, como um refúgio satisfatório, permitindo a composição de um viver dotado de incomparável tranquilidade.

Em outros termos, podemos considerar que a constituição da família, que compôs com o marido e duas filhas, a coletividade judaica, bem como a sociedade americana, constituída por imigrantes de diferentes povos e nações, ofereceu-lhe a sustentação necessária. Em consequência, tornou-se possível o empreendimento de uma cura pessoal, que compreendemos como expressão de capacidades forjadas durante a infância, pela articulação do potencial herdado com o ambiente familiar e comunitário em que vivia. Aqui cabe lembrar que mesmo grupos socialmente discriminados e/ou ativamente perseguidos podem oferecer *holding* adequado a crianças, principalmente nos primeiros anos de vida. Muitas biografias trazem esse tipo de configuração, principalmente quando o grupo vive em relativo isolamento, como acontecia com a família e comunidade da idosa, quando residente na Polônia. Relatos similares de proteção familiar e comunitária, face ao preconceito racial contra negros, podem ser encontrados, por exemplo, na obra de bell hooks (1997) e na biografia do ator Lázaro Ramos (2017).

Cabe aqui lembrar que, na perspectiva winnicottiano, reconhece-se que todo

individuo humano nasce dotado de potencial para o desenvolvimento pessoal, que, no entanto, só se realiza se puder contar com um ambiente favorável. Tendo descoberto esse fenômeno na vida do bebê e transpondo-o para a compreensão da própria psicoterapia, Winnicott (1971,1999) fornece pistas que nos permitem compreender que, a qualquer ponto da vida, vivemos melhor quando somos apoiados por ambientes antropologicamente favoráveis ao nosso amadurecimento. É esse conhecimento o que nos permite compreender como, malgrado ter vivido situações de alto risco, sabendo-se perseguida por nazistas antissemitas, que não apenas consideram os judeus inferiores, mas como escória social a ser eliminada, pode uma pessoa alcançar um estado de superação suficiente do trauma. Entretanto, não nos enganemos imaginando que essa seria uma tarefa fácil, uma vez que muitos sobreviventes de campos de concentração, como Primo Levi (Thomson, 2019) e Jean Améry (Heidelberg-Leonard,2010), vieram a se suicidar décadas após sua libertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2017). Estilo Clínico Ser e Fazer: Resposta Crítico-Propositiva a Despersonalização e Sofrimento Social. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia,*37(92),41-62.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. ; Machado, M.C.L.; Ayouch, T.; Caron, R. & Beaune,D. (2009) Les Récits Transferenciels comme Presentation du Vécu Clinique: Une Proposition Méthodologique. In D. Beaune *Psychanalyse, Philosophy, Art: Dialogues*. Paris: Hartman.

Ambrosio, F. F., Aiello-Fernandes, R. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Pesquisando Sofrimentos Sociais com o Método Psicanalítico: Considerações Conceituais. Em Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo & Tânia Maria José Aiello-Vaisberg (Orgs.). XI Jornada Apoiar: *Adolescência: Identidade e Sofrimento na Clínica Social.* São Paulo: IP-USP.

Bizon, J.; Dariva, N. & Drubi, R. *Diálogo inter-religioso:* 40 anos da declaração Nostra Aetate sobre as relações da igreja com as religiões não-cristãs, 1965-2005. São Paulo: Paulinas, 2005.

Bleger, J. (1963). *Psicologia de la Conduta*. Paidos.

Campos, F.V. e Dias,L.F. (2022) O Humanismo como Resposta Ética ao Outro Homem em Emmanuel Lévinas. *Sapere Aude,* 13 (25),63-91.

Davis, A. (2024) A Palestina representa para esta geração o que a África do Sul

representou para as anteriores". Entrevista com Angela Davis. São Leopoldo, Unisinos: Instituto Humanitas. Acessado em 10 de novembro de 2024 em https://www.ihu.unisinos.br/categorias/636486

Embaixada de Israel no Brasil (2024) Entre as Nações. Acessado em https://embassies.gov.il/BRASILIA/ABOUTISRAEL/AMONGTHENATIONS/Pages/

Hamas Estatuto em Português (1988) traduzido a partir do original em árabe. Acessado em novembro de 2024 https://www.chamada.com.br/mensagens/estatuto_hamas.html

Hermann, F. (1979) *O Método da Psicanálise*. São Paulo, EPU.

Herrmann, F. (2004). *Introdução à Teoria dos Campos (*2a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 2001).

Freud, S. (1922) *Dois verbetes de enciclopédia*. In: Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

Heidelberg-Leonard, I. (2010) *Revuelta in la Resignación.* Valencia: Publicacions de l' Universitàt de Valencia.

hooks, b. (1997) *Bone Black: Memories of Girlhood*. New York: Holt Paperbacks.

Lévinas, E. (1987) *L 'Humanisme de l'Autre Homme.* Paris: Livre de Poche.

Longerich, P. (2010) *Holocaust: The Nazi Persecution and Murder of the Jews*. Oxford: Oxford University Press, 309–310.

Michelson, R. (2013) *As Good as Anybody***:** Martin Luther King Jr. and Abraham Joshua Heschel's Amazing March Toward Freedom**.** New York: Knopf Doubleday Publishing Group.

Organização das Nações Unidas (1947) Resolução 181 Criação do Estado de Israel e do Estado da Palestina.

Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia:* A psicologia e a psicanálise. Piracicaba: Editora Unimep. (Original Publicado em 1928).

Ramos, L. (2017) *Na Minha Pele*. São Paulo: Objetiva

Thomson, I. (2019) *Primo Levi: The Elements of a Life*. Rochester: Vintage Digital

Vitali, L.M. (2004) Flor-rabisco: narrativa psicanalítica sobre uma experiência surpreendente. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). São Paulo: Universidade de São Paulo.

Winnicott, D. W. (1968) O Medo do Colapso. *Explorações Psicanalíticas*. In C.

Winnicott, R. Shepperd & Madaleine Davis. Porto Alegre: ArtMed.

Winnicott, D.W. (1999) *Playing and Reality*. London: Brunner- Routledge. (Original publicado em 1971)